



**Prof-Artes**

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA-UDESC

**JOSÉ AILTON DE CARVALHO ARNAUD**

**CRIADORES DE NOVOS MUNDOS:  
O TEATRO COMO GUIA PARA UMA EDUCAÇÃO DO FUTURO**

**Belém – Pará  
2016**

**JOSÉ AILTON DE CARVALHO ARNAUD**

**CRIADORES DE NOVOS MUNDOS:  
O TEATRO COMO GUIA PARA UMA EDUCAÇÃO DO FUTURO**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Artes, da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação, acompanhado de vídeo documentário, como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Wladilene de Sousa Lima  
Co-orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Olinda Charone

Linha de Pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

**Belém – Pará  
2016**

## CRIADORES DE NOVOS MUNDOS

O teatro como guia para uma educação do futuro

José Arnaud<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste artigo, trato de uma experiência de educação não-formal, realizada no Projeto Teatro Ribalta, no bairro da Terra Firme, em Belém do Pará, que trabalha com crianças e adolescentes em uma perspectiva da formação teatral, porém, indo além, intervindo na educação global desses sujeitos sociais. Assim, levanto questões que refletem na educação formal, e sobre as transformações que esperamos que ocorram dentro dos espaços escolares.

Uma prática de teatro de grupo e projeto social que incentiva uma educação pela imaginação e invenção, com componentes próprios da pós-modernidade que apontam para uma educação diferente, na qual meninos-heróis podem ser sonhadores, Criadores de Novos Mundos. O estudo trás como principais autores referenciais Edgar Morin, Michel Maffesoli e Paulo Freire, que apontam possibilidades e princípios para uma educação do futuro. É um estudo cartográfico, que mapeia a jornada de "meninos-heróis"<sup>2</sup> em busca de Saberes que lhes permitam sonhar com possibilidades de um mundo melhor.

**Palavras-chave:** Teatro; Educação; Educação do futuro; Educação pela imaginação; inventividade; Transformação social; Terra Firme; Projeto Teatro Ribalta; Representações sociais; Educação não-formal.

Este é um estudo cartográfico, que mapeia a jornada de "meninos-heróis"<sup>3</sup> em busca de Saberes que lhes permitam sonhar com possibilidades de um mundo melhor. Minha escrita é de um ator-encenador-professor-pesquisador de teatro, apaixonado por seu objeto de estudo. Estudo as práticas educativas não-formais, realizadas no Projeto Teatro Ribalta, localizado no bairro da Terra Firme, em Belém do Pará, contudo, procuro não perder de vista a possibilidade da não dicotomização, vislumbrando a aproximação entre as pedagogias não-formais com a escola. Como desdobramento da pesquisa, nasceu um poema documentário que retrata a função pedagógica exercida pelo teatro na vida desses meninos e meninas, incluindo na minha. Vejo-me espelhado neles. Para mim, que atuo como professor da educação infantil e fundamental na Rede Municipal de Ensino de Belém, este é um tema visceral, que me instiga a querer uma educação diferente da que encontro nas escolas, a querer uma educação mais inventiva. Esta inquietude é o que desejo provocar em outros educadores.

---

<sup>1</sup> Artigo originalmente apresentado no Mestrado Profissional em Artes – UDESC/UFPA em 2015, sob a orientação da Professora Doutora Wladilene de Souza Lima.

<sup>2</sup> Ao longo do texto refiro-me várias vezes a “meninos” como um recurso discursivo que representa, no fundo, todos os meninos e meninas do Projeto Teatro Ribalta e da educação básica do ensino formal.

<sup>3</sup> Ao longo do texto refiro-me várias vezes a “meninos” como um recurso discursivo que representa, no fundo, todos os meninos e meninas do Projeto Teatro Ribalta e da educação básica do ensino formal.

Adotar a cartografia como método de pesquisa tornou-se um meio de produção e criação neste estudo. Ao surgir do princípio do Rizoma, de Deleuze e Guattari (1995), a Cartografia tem uma característica performática, permitindo ao pesquisador certa flexibilidade nas escolhas dos caminhos, incluindo a experimentação de várias entradas, que são múltiplas, apresentando um mapa móvel (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009). Esta pesquisa é sim de intervenção (apesar de descobrir isso no percurso dela), como é própria de quem cartografa, assim como “não ter regras e prescrição antecipadas, traçando metas ao longo do percurso, considerando os efeitos que o objeto causa em mim e eu nele, e o resultado dessas interferências. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 17)

Neste caso, histórias foram mapeadas. E isso nós do teatro temo como ofício, somos contadores de histórias. E, aqui, estou eu para contar mais uma história. Curiosamente, trata-se de uma narrativa sobre um relacionamento teatral, entre um grupo de teatro e seus jovens atores e atrizes. A vida se faz de encontros, de caminhos que se cruzam. Narrar encontros e desencontros há muito vem sendo utilizado pelos contadores de histórias como recurso para expressar suas visões do mundo e da vida, suas concepções e reflexões para que outros venham a conhecê-las, e quem sabe, comungar das mesmas.

Neste estudo, implico-me no caminho da poética para mais uma vez narrar a “Jornada do Herói” (CAMPBELL, 2003), a partir das histórias que vi e ouvi no bairro da Terra Firme, em Belém do Pará. Escolhi como personagem que nos guiará nesta jornada um menino, que traz sobre ele a convergência dos desejos, dores, conquistas, tropeços e aprendizagens de todas as crianças e adolescentes que experienciam o teatro no Ribalta. Quem é esse menino e qual o seu mundo, ou mundos, é o enredo da nossa história. Nosso herói, na verdade, é um construtor de novos mundos, um sonhador que transforma a vida, e “o ato de transformar é transformador” (BOAL, 2009, p. 233).

A infância é o tempo de aprender, conectar saberes e criar novos conhecimentos. Quando um menino aprende a andar, está dando pequenos passos, rumo a caminhos infinitos que se abrirão a sua frente, a partir de então. Ele está no mundo. O tempo para meninos é o agora. É tempo de aprender a viver. É tempo de brincar de construir novos mundos e estes podem estar dentro de cada um de nós. Enquanto meninos, vamos descobrindo as grandezas e pequenezas da vida. Há que se aproveitar esse tempo.

### **Meninos que sonham no tempo**

Que infância vive nosso pequeno herói? É um menino do futuro? O menino entre o passado e o futuro? Meninos fazem “meninagem” em qualquer tempo, uns menos, outros mais. Aprendem. Erram. Crescem. O meio onde vivem induz alguns caminhos sim, mas não dá conta do todo. O todo é definido pelas partes. São tempos de crises, política, ecológica, da sensibilidade, que deixa uma sensação de futuro incerto e ameaçador, fazendo muitos meninos e meninas desacreditarem na posteridade e focarem no presente, sem sofrer. No fim, os meninos de hoje são mais fortes que os de ontem e estão mais preparados para a realidade do mundo. É como profetizou Nietzsche:

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: – assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar!* E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2001, p. 187).

Mas a jornada do herói não acontece com ele aceitando seu destino. Ao ver o mundo pós-moderno cheio de incertezas, o menino reage com invenção. Reage com sonhos, cria mundos, acredita no futuro e grita:

Eu não vou mudar não  
 Eu vou ficar são  
 Mesmo se for só  
 não vou ceder  
 Deus vai dar aval sim,  
 o mal vai ter fim  
 e no final assim calado  
 eu sei que vou ser coroado rei de mim. (CAMELO, 2003)

Essas frases cheias de esperança nostálgica de um futuro diferente estão na letra da música “De onde vem a calma” da banda Los Hermanos e representam bem o sentimento de reação da atual geração. Se vivemos um período de transição, sonhos despertam em meio ao caos e apontam para um futuro diferente. É preciso ter consciência de que vivemos “um projeto de *Vir-a-Ser* em vez de *Ser*” (HARVEY, 1994, p. 325). Ultrapassamos o tempo do *dever ser* e vivemos uma época em que o agora é mais relevante para as pessoas, como bem diz o sociólogo francês Michel Maffesoli, hoje “se analisa o que é, e não o que deveria ser” (2011, p. 523). A moral, por exemplo, é uma lógica do tempo do *dever ser*, e já não tem a mesma conotação em nossos dias (MAFFESOLI, ICLE, 2011).

Do caos nascem os Criadores de Novos Mundos! Os sonhadores, os meninos-poetas. Brincar de transformar a realidade deixa de ser coisa de criança e torna-se a forma de lidar com a vida. A imaginação move o mundo. Desconstruir para construir. Como ensina o poeta Manoel de Barros: “Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira. [...] Sou muito preparado de conflitos. [...] Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria” (BARROS, 1996, p. 11). E ao descobrir as possibilidades da invenção, meninos se tornam homens-meninos, e criam e recriam seus mundos, com uma visão paradoxal própria do tempo de *vir-a-ser*. No desenho a seguir, do artista uruguaio Troche, vemos esse homem-menino, que por um lado enxergam as crises da humanidade e por outro ativam a esperança e lutam por um mundo melhor, onde reinventa a realidade para vermos e sentirmos melhor o mundo.



**Figura 1.** Diante do descredenciamento da arte, Troche planta árvores de música (TROCHE, 2014, p. 21)

Este é o enredo geral da história que vou contar. A luta de crianças e adolescentes que encontraram no teatro um meio de conhecer e se colocar no mundo pós-moderno. Encontraram um devanear consciente. Encontraram sonhos. São meninos e meninas que seguraram na mão do Projeto Teatro Ribalta e disseram: “Pai, ensina-me a olhar!” (GALEANO, 2002, p. 11).

### **A educação que temos, a educação que queremos**

Uma escola mais inventiva e menos reprodutora é algo que se espera ao final desse tempo de *vir-a-ser*. Como resultado das mudanças na forma de ver o mundo, há um querer de um mundo diferente. Há um con(tra)senso no ar: “o sistema educacional é um sistema totalmente apodrecido, que não funciona mais” (MAFFESOLI, 2014). Do consenso ao contrassenso, o que ainda temos, de uma maneira geral, é uma educação ora tecnicista, ora mecanicista, ora descontextualizada, ora perdida, ora distanciada, ora desestimulada, desestimulante, ora ultrapassada, ora medrosa, ora conformista.

Nosso herói menino está nesta escola, ainda presa a velhas fórmulas, sem atrativos materiais e sem prestígio simbólico (SARLO, 2004). A velocidade das mudanças fora da escola parece maior. São tempos diferentes. A educação vertical ainda impera. Há um condicionamento instaurado que cheira a mofo, restos de materialismo histórico deixados pelos cantos. As formulações de alguns filósofos do início do século XIX, em especial Karl Marx, que focalizaram o *valor trabalho*, se difundiram por meio das instituições educativas e tornaram-se “o pivô a partir do qual vai se organizar toda a vida social” (MAFFESOLI, ICLE, 2011, p. 526). Essa é a herança da modernidade que as escolas atuais carregam até hoje. E a educação de meninos e meninas teima em manter-se no tempo do *dever ser*. O sistema escolar vigente é velho, enrijecido e enferrujado. Trava a mudança latente. Quebrar os muros da escola se torna cada vez mais urgente para que a vida entre, como bem disse Paulo Freire, é preciso que os velhos esgotem as suas vigências para que cedam lugar aos novos (FREIRE, 1999).

Mas na pós-modernidade o tempo é do *vir-a-ser*. Um tempo em que “nem o mistério, nem a dúvida, nem a contradição, nem a ilusão, nem a dor, nem o erro são mais mistérios que devem ser eliminados do coração humano” (BITAR, 2004, p. 31). Esse espírito anarquista acha brechas no sistema educacional e surgem experiências isoladas para acalantar as esperanças dos que sonham com uma educação diferente. São educadores que não se deixam derrotar, lutam com as poucas armas que possuem, enfrentam o sistema e por isso são chamados de loucos e rebeldes.

Estes rebelados impulsionam mudanças de paradigmas. Michel Maffesoli aponta uma ampliação do sentido de trabalho, colocando o foco numa concepção de criatividade. Para o francês isso é “um pouco a passagem da razão à imaginação, do futuro ao presente, do trabalho à criação” (MAFFESOLI, ICLE, 2011, p. 525). Maffesoli traz um olhar otimista sobre a pós-modernidade quando nos fala de um *reencantamento do mundo* e de um *mundo imaginal*, afirmando que a maneira de ser e pensar nesse tempo é “inteiramente atravessada pela imagem, o imaginário, o simbólico, o imaterial” (MAFFESOLI, 2010, p. 24). Esse

valorizar da imaginação e criatividade revela possibilidades do que será o *vir-a-ser* na educação. A jornada do nosso herói ganha novos horizontes, são pequenas asas que lhe permitem voar mais livre.

Cada vez mais, esse futuro torna-se presente. Se há fragmentação do conhecimento, também há um incipiente entendimento de que é preciso ligar “as partes ao todo e o todo às partes” (MORIN, 2000, p. 4). Há uma reação no ar, um quê de resistência, o “cosmopolitismo” (SANTOS, 2001), ou seja, há um sentimento coletivo contra as desigualdades e as redes opressoras e exploradoras do ser humano como as “vítimas, por exemplo, de discriminação sexual, étnica, rracica, religiosa, etária, etc.” (SANTOS, 2001, p. 75). Há um grito coletivo que ecoa em camadas superficiais:

- Podemos ser melhor que isso! Temos o direito de assim desejar!

É nesse *métier* que áreas como a psicologia e educação percebem as múltiplas infâncias, não olhando para todas como crianças “genéricas” (FARIA; DEMARTINI; PRADO, 2002). Nela, a criança, e entendemos o adolescente também, é sujeito de direitos, inclusive de participação e a voz. Temos um menino-herói autônomo, que faz escolhas baseadas em informações, que decide sobre a organização do seu cotidiano e influencia na vida de adultos. Poderes que lhe foram dados. Caminhamos para a formação de uma legião de meninos-heróis.

E lá vai nosso pequeno herói protagonizar sua história. Nesta jornada há que se munir de aprendizagens que auxiliem na sua sobrevivência no mundo que está por vir. O que é importante como ensinamentos para este menino? Como prepará-lo para estar no mundo? Eis a missão dos educadores!

Educadores são mestres que orientam as jornadas de meninos e meninas, para que estes transformem o mundo, criem novos mundos. Os melhores mestres são os loucos e rebeldes, pois, estes é que são extemporâneos e conseguem ver além do *vir-a-ser*. São loucos rebelando-se contra o velho sistema educacional que quer, ainda hoje, transformar meninos em máquina. Há uma revolução em curso, não há dúvida, e, aos poucos, mais e mais educadores vão aderindo a esta frente que se levanta.

Dos precursores desses novos ideais para uma educação diferente, temos o alemão, Friedrich Nietzsche. Uma inspiração para rebeldes, educadores ou não. Este mestre contrariou interesses do sistema vigente e da religião. Descredenciou a educação aplicada em seu tempo (estendendo-se até os dias atuais), afirmando que sempre houve uma tentativa de melhoramento do ser humano, porém, feita por meio da domesticação. Este processo não favoreceria os seres humanos, deixando-os mais fracos, menos nocivos e adoecidos. Para o



mestre, ao invés de domesticá-los, deve-se ensiná-los a pensar (NIETZSCHE, 2012). Alardeando suas ideias, Nietzsche procurava demonstrar que a escola não estava preparando os sujeitos para uma relação com o mundo natural, uma vez que acreditava que o poder criativo e estético advinha da natureza (NIETZSCHE, 2004).

Não temos o direito de silenciar sobre o fato de que muitos pressupostos dos nossos métodos educacionais modernos levam consigo o caráter do não-natural e que as mais graves fraquezas do nosso tempo estão justamente ligadas a estes métodos antinaturais de educação (NIETZSCHE, 2004, p. 43).

Nietzsche (2012) deixou como ensinamento que uma das missões dos educadores é ensinar a *ver*, para que não se reaja imediatamente a um estímulo, ganhe-se quietude e paciência. Este é um saber fundamental no mundo atual, uma arma poderosa, podemos assim dizer, afinal ao *ver* o menino pode descobrir novas possibilidades de mundos.

Do mesmo modo Paulo Freire, educador brasileiro, tornou-se um importante mestre revolucionário por suas ideias sobre uma educação que se preocupa em como nos colocamos no mundo. Não atoa, Freire afirma que “Estar no mundo implica necessariamente estar com o mundo e com os outros.” (1995, p. 20). É uma educação que liberta, que busca formar um indivíduo crítico, criativo e atuante em sua comunidade, em que o oprimido se reconhece-se como sujeito de sua própria história (FREIRE, 1987). Em seu trabalho de alfabetização de adultos Freire considerava não haver ““pronúncia” do mundo sem consciente ação transformadora” (FREIRE, 1978, p. 50). Ou seja, a leitura e a escrita estavam intimamente ligadas a releitura crítica do mundo, agindo no despertar consciente da possibilidade de reescrever o mundo, ou seja, transformá-lo (FREIRE, 1998). Para este estudo Paulo Freire contribui também quando aborda o que chamou de Pedagogia da esperança, pois assim, o educador demarca território epistemológico no campo da Educação para aqueles que fazem parte da revolução educativa em curso. Esperança é a capacidade de olhar e ver um futuro melhor.

Dos mais novos representantes dessa revolução educacional, Rubem Alves, educador, sonhador, brasileiro, trouxe grandes provocações, em meio aos seus devaneios escritos e também abordou a questão do *ver*:

O educador diz: "Veja!"- e ao falar, aponta. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. Seu mundo se expande, fica mais rico

interiormente e permite sentir mais alegria e dar mais alegria, razão pela qual vivemos (ALVES, 2003, p. 56).

Alves usa a poética para alcançar o coração e a cabeça dos educadores a quem fala, chamando-os a ver além, a pensar a educação de meninos e meninas como quem cria poesia. Trata o conhecimento como curiosidade, que coça nos olhos e pensamentos. Aprender é o que cura a coceira. Como provocador que é, Rubem Alves também espera o mesmo de outros educadores, que provoquem essa coceira em seus alunos. Entregar o conhecimento empacotado e fechado para curar a coceira não contempla as ideias desse mestre, há que ter a busca pra saciar essa necessidade.

A tarefa do professor é a mesma da cozinheira: antes de dar faca e queijo ao aluno, provocar a fome... Se ele tiver fome, mesmo que não haja queijo ele acabará por fazer uma maquieta de roubar queijos (UNAMUNO, s/d *apud* ALVES, 2004, p. 23).

Assim, motivado por essa fome, nosso menino-herói continuará sua jornada, pois sua necessidade é por asas que o façam voar tão alto, que de lá possa ver o todo e as partes. Hora de lançar mão de ensinamentos de outro mestre, o francês Edgar Morin, que percebendo a complexidade do mundo contemporâneo, propôs sete saberes fundamentais para uma educação do futuro, tomando como base os quatro pilares da educação contemporânea, apresentados pela UNESCO: aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer (MORIN, 2000), princípios que apontam para uma educação do futuro, baseada no estar no mundo.

Como bom mestre da revolução educacional que é, Morin apresenta seus ensinamentos a fim de orientar a educação do novo milênio e servir de inspiração para educadores e para uma prática educacional melhor. Partindo das propostas de Morin, a educação de nosso menino-herói deve contemplar saberes que o ajudem em sua jornada: perceber as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão, entender os princípios do conhecimento pertinente, da condição humana, da identidade terrena, bem como, enfrentar as incertezas do mundo e ensinar a compreensão e a ética do gênero humano (MORIN, 2000).

Esses saberes serão somados aos pensamentos de Maffesoli sobre um sistema educacional diferente do vigente. O autor afirma que a escola deve considerar algo muito peculiar da pós-modernidade, os saberes coletivos, das tribos, dos grupos e comunidades, onde compartilhar é preciso (MAFFESOLI, ICLE, 2011). Na sua concepção, os alunos devem passar por uma iniciação, similar ao que ocorre em algumas culturas primitivas, onde o professor acompanha seu aluno, contudo, permitindo autonomia (MAFFESOLI, 2014). Esse o

modelo de iniciação contrapõe-se a educação verticalizada da modernidade, trazendo à tona a horizontalidade própria da pós-modernidade. “A educação conduz; mas a iniciação acompanha” (MAFFESOLI, 2013, p. 17).

Em síntese, as ideias desses autores inspiram a educação que queremos! Na educação formal, esses princípios estão chegando aos poucos dentro de sala de aula por meio de pequenos focos de revolução. Porém, a exemplo do que as revoluções históricas nos mostram, a força rebelde vem das ruas, neste caso, de fora da escola. Estou falando da educação não-formal. Esta se apresenta como alternativa para uma educação diferente, em que os saberes apontados por Morin podem ser encontrados. Ela “é acima de tudo um processo de aprendizagem social, centrado no formando/educando, através de atividades que têm lugar fora do sistema de ensino formal e sendo complementar deste” (PINTO, 2005, p. 4).

Esta educação feita à parte do sistema escolar formal é um celeiro de meninos-heróis, pois é feita por meio de uma pedagogia social, que leva em consideração o contexto global e os interesses de seus alunos para trabalhar seus conteúdos. “Diverge ainda da educação formal no que respeita a não-fixação de tempos e locais e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto” (PARK; FERNANDES, 2007, p. 12). Como está fora do sistema e é feita à margem do oficial, ela não desponta como um ator importante na revolução educacional que está se construindo, atua na invisibilidade.

Na jornada que os meninos e meninas que participam do Projeto Teatro Ribalta fazem na sua aprendizagem de apreensão de mundo, fica visível o papel importante que estas experiências têm na preparação de crianças e adolescentes para se tornarem Criadores de Novos Mundos. É uma prática que segue o que prega Paulo Freire em sua Pedagogia do Oprimido, onde aponta a contradição opressor x oprimido como forma de gerar consciência dos papéis sociais, e deste modo, haver uma desintoxicação da opressão. Freire afirma que a educação de oprimidos melhor será se for feita por outros oprimidos (FREIRE, 1987). Na educação não-formal, desenvolve-se uma cultura participativa e coletiva, visando uma formação cidadã, colocando a

Educação como promotora de mecanismos de inclusão social. Entende-se por inclusão as formas que promovem o acesso aos direitos de cidadania, que resgatam alguns ideais já esquecidos pela humanidade, como o de civilidade, tolerância e respeito ao outro; contestam-se concepções relativas às formas que buscam, simplesmente, integrar indivíduos atomizados e desterritorializados, em programas sociais compensatórios (GOHN, 2006, p. 36).

Este contexto de educação não-formal<sup>4</sup> é o principal cenário onde ocorre a jornada de nosso menino-herói. Um território chamado Projeto Teatro Ribalta. Localizado no bairro da Terra Firme, onde o teatro tem papel importante desde os anos 1980, atuando como agente formador de crianças e adolescentes. Historicamente, a montagem da peça “A Paixão de Cristo”, uma tradição dentro do bairro, foi o que aproximou esses atores do fazer teatral. Por alguns anos, esse movimento cultural perdeu força e não ocorreu a montagem da peça nos anos de 2006 e 2008. Em 2009, veio a retomada e o espetáculo da Paixão de Cristo volta a cena, em uma parceria com a EEEF Brigadeiro Fonteneles e o programa “Mais Educação”, do Governo Federal, que desenvolvia atividades com teatro dentro da escola. O programa encerrou suas atividades em 2011. Muitos dos jovens que participavam do “Mais Educação” externaram a vontade de continuarem a prática teatral. Eli Chaves, coordenador do Projeto Teatro Ribalta, contou que “Foi um impacto na vida dos meninos. Eles já gostavam de fazer teatro. Daí, nós chamamos eles para o grupo. A gente não tinha ideia do que isso ia se transformar” (CHAVES, 2015).

Quem acolheu as crianças e os adolescentes foi o grupo de teatro Ribalta. Assim, em 2012, nascia a semente do que viria a ser o Projeto Teatro Ribalta. Na foto a seguir, podemos ver o grupo em seu território. Meninos e meninas, de várias idades junto de seus professores-parceiros-amigos de teatro. Vemos também a sede do Projeto e casa da família que acolheu a todos.



**Figura 2.** Sede e integrantes do Projeto Teatro Ribalta.

**Fonte:** Grupo Ribalta

---

<sup>4</sup> Apesar da literatura apresentar uma separação bem definida entre educação formal e não-formal, acredito que todas essas características virtuosas apontadas também devem estar presente dentro das escolas, em um processo simbiótico com o que vem de fora com o que está dentro.

Seus fundadores e atuais coordenadores são: Eli Chaves, Carmen Matos, Adelson Gonzaga e Fábio Raiol. São pessoas que, como eu, encontraram no teatro uma forma de fugir à regra da periferia, não desistiram de sonhar e acreditam que podem fazer o mesmo por esses meninos e meninas.

Essa ferramenta chamada teatro é uma ferramenta de transformação. Tem adolescente que chega chorando com problemas em casa e temos que acolher, saber lidar. Têm muitos que eram tímidos e que depois de entrar para o projeto deslancharam na escola e na comunidade também. Temos a disciplina que é do teatro mesmo, mas não é aquela “caxias” e isso ajuda os meninos também (CHAVES, 2015).

Esse é o cerne do Projeto que foi criado: orientar os meninos e meninas, para além do fazer teatral, para (sobre)viverem neste mundo. Atualmente, o Projeto tem 30 alunos-atores permanentes, na faixa etária de 08 a 18 anos, chegando ao número de 80 alunos-atores no espetáculo da Paixão de Cristo.

O projeto a que estamos nos referindo visa resgatar a juventude de forma didática, através das artes cênicas como fonte de transformação social, para termos uma comunidade de paz, priorizando a família, a base e estrutura da sociedade (PROJETO TEATRO RIBALTA, 2015, p. 4).

O Ribalta funciona como um foco da rebelião educativa e social que está em curso, um polo de pequenos sonhadores, formando futuros Criadores de Mundos. É um foco de resistência. É o teatro comunitário em plena atividade. O teatro de grupo na sua essência, com todas as particularidades próprias desse tipo de organização.

O teatro de grupo poderia ser considerado sempre um exercício de resistência? [...] pode-se dizer que a estruturação de grupo porta o embrião da resistência. O ato de estruturação de um grupo nasce sempre de uma percepção de que a possibilidade desta unidade grupal de funcionamento implica criar instrumentos tanto no campo da criação como no campo da estrutura social do próprio coletivo (CARRERA, 2003, p.22).

Uma vez apresentados os cenários onde ocorrem os processos educativos que nosso menino-herói está inserido (tempo, escola, e Projeto), é possível acompanhar com mais propriedade a jornada do herói, ficção com bases reais, que narrarei adiante. É preciso ter clareza de que, acima de tudo, estou contando uma história que mistura passado, presente e futuro, onde a educação tem papel fundamental para o desfecho da mesma.

## A JORNADA DO MENINO HERÓI RUMO AO TEMPO DE *SER*

### *Prólogo*

Hoje vivemos tempos difíceis para pessoas como eu, que sempre fui metido a peraltagens. Sonhar tornou-se algo a não se fazer. Todos devem aceitar resignados seus destinos. As pessoas não se importam com a dor, pois, ela está no mundo e não sumirá dele. Mas sonhadores estão por aí, escondidos. São os rebeldes de uma revolução contra o Sistema Orientador. Lutam para que o tempo de *vir-a-ser* passe e chegue o tempo de *ser*, onde serão livres para sonhar/inventar novamente. Séculos se passaram, muitos se perderam pelos caminhos, desistiram de sonhar com um mundo diferente. Uma guerra silenciosa entre os que condenam a imaginação e os poucos que acreditam que ela é a verdadeira chave à salvação da humanidade.

Um nevoeiro perdura sobre o mundo ocidental, não se dissipa e as pessoas não podem *ver*. Existem seres que podem ver além do nevoeiro, são os Criadores de Novos Mundos, que possuem poderes capazes de transformar realidades. A rebelião é comandada pela Ordem dos Criadores de Novos Mundos, há séculos. No tempo atual, poucos despertam para ser um Criador, já que a imaginação é elemento controlado pelo Sistema Orientador. Porém, há aqueles, que, mesmo em tempos e contextos hostis, percebem que há algo além do nevoeiro. São os inventivos. Humanos que, enquanto crianças, podem tornar-se Criadores de Novos Mundos, ganhando asas, visão ampla e o poder da inventividade. Para isso, devem encontrar os *7 ensinamentos para um mundo diferente*.

### *Faz-se o pleno nevoeiro*

Esta é uma guerra histórica, que atravessa os milênios. Na época das grandes divisões, enquanto uns preocupavam-se em conquistar poder sobre terras, outros, os filosofais, preocupavam-se em ganhar territórios simbólicos, dominar a própria humanidade. Ao formar-se o Império da Grécia, dois lados se constituíram para orientar e preparar os humanos à vida. Primeiro, vieram os filosofais-idealistas que defendiam uma orientação estatal que ensinasse acima de tudo questões morais. Condenavam a arte nas orientações, pois ela seria uma mera imitação da vida, sem valor real, descredenciando a inventividade. Logo, os idealistas ganharam força no Ocidente. Em contraposição a essa concepção, surgiram os filosofais-aristotélicos, que defendiam uma orientação mais democrática, e, por isso, foram rechaçados por dar poder a pessoas despreparadas. Para estes, a arte tinha papel importante nessa corrente orientadora, pois acreditavam que contemplar o belo fazia dos humanos seres também mais belos. Pregavam uma orientação livre, talvez por isso ganharam o poder da visão.

Com apoio dos Cléricos, legião que também questionava pra si o domínio sobre a orientação das pessoas, a corrente idealista se perpetuou, tirando cada vez mais o poder da inventividade dos humanos, tornando-os meros repetidores de dogmas. Sonhar já não era permitido. Àqueles que ousavam contrariar as orientações clericais, restava a fogueira. Fez-se o pleno nevoeiro. Ver além já não era possível e só se conhecia o que era possível ver em meio ao nevoeiro. Os poucos aristotélicos, que detinham de visão, foram trancafiados, sufocados, mortos. Por séculos, os idealistas e cléricos reinaram sobre o pensamento dos humanos de grande parte do planeta. Os povos do Oriente conseguiram erguer uma barreira contra o nevoeiro que tomava conta de todas as terras, contudo, povos tribais sucumbiram e tiveram seu grande poder imaginativo ceifado, perdido em meio ao denso nevoeiro que continuava a avançar.

Dois séculos depois, o Sistema Orientador Idealista ganhou novos adeptos e defensores, os filosofais modernistas, que reafirmaram a negação a imaginação e determinaram uma orientação para a tecnicização e produtivismo. O trabalho tornou-se a razão da vida. O nevoeiro adensou-se ainda mais. As pessoas passaram a ver apenas partes da vida, o conhecimento das coisas foi compartimentado. Esta forma de organização social determinada pelo Sistema culminou em um mundo destrutivo. Houve guerras, catástrofes ecológicas e a cegueira coletiva da humanidade ocidental. Desde então, a orientação das crianças estimula a razão em detrimento da imaginação. Sonhar se tornou cada vez mais perigoso.

### *Os tempos do ser*

Eis que veio o tempo do despertar dos Novos Aristotélicos. Esses filosofais foram inspirados por antigos escritos que apontavam formas de dissipar o nevoeiro e ganhar visão. Um sentimento de inquietação foi gerado, um desacomodar. As doutrinas idealistas que adestravam os humanos foram questionadas depois de muito tempo. As verdades absolutas foram abaladas. Assim, os Novos Aristotélicos perceberam que detinham de inventividade e, com esta, ganhavam o poder da visão, para ver além, para sonhar. Este foi o início da rebelião contra o Sistema Orientador Idealista. Nesse tempo, surgiu entre os rebeldes Frederik, um mestre da inventividade, que logo veio a se tornar um dos maiores líderes da rebelião. Tamanha foi sua inquietação que ganhou visão e também asas. E nevoeiro nenhum pôde impedi-lo mais de ver além. E ele viu muito além de seu tempo. Frederik visualizou um tempo diferente daquele em que vivia, no qual, não teria mais nevoeiro e todos poderiam sonhar, inventar e reinventar novos mundos. Frederik viu o tempo de *ser*, inspirando assim, que novos rebeldes surgissem e lutassem para que esse tempo de *ser* pudesse chegar.

Desde então, muitos rebeldes se levantaram contra o Sistema. Focos de resistência nas terras ocidentais tomaram corpo e isso marcou uma grande mudança no tempo. O mundo passou a ter dois tempos, do *dever ser* e iniciava-se o tempo do *vir-a-ser*, um tempo pós. Neste, muitos humanos tiveram o poder da visão despertado e puderam sonhar novamente. O diferente ganhou espaço, questionar tornou-se possível e isso fez a mudança social ocorrer cada vez mais visível. Novos mestres da rebelião surgiram na Ordem dos Criadores de novos mundos, com visão para enfrentar o denso nevoeiro, com asas para ver do alto o além e com uma nova arma, a palavra. Rubem, Michel e Edgar são alguns dos mestres contemporâneos da Rebelião. Eles atacam o velho sistema e apontam caminhos para que as pessoas possam tornar-se Criadores de Novos Mundos. O tempo mudou. Hoje a técnica e a produção, tão aclamadas pelos filósofos modernos, perdem espaço para a inventividade.

O Sistema Orientador Idealista não se deixa abater. Ele está tão impregnado na maioria das pessoas que estas não reconhecem sua capacidade de sonhar. A inventividade não é importante nesse sistema, pois, ela é perigosa porque traz a possibilidade de liberdade. As palavras dos Mestres da Rebelião são silenciadas, são descredenciadas. Ainda assim, crises se espalham pelo Ocidente. Os valores idealistas são questionados, novas frentes rebeldes levantam suas bandeiras. As minorias resolvem unir-se e atacar o sistema, e como resultado, vê-se o Sistema Orientador sofrer perdas de território. Pequenas mudanças estão ocorrendo o tempo todo.

É neste cenário de crises que os Mestres da rebelião atuam com suas armas, minando territórios, deixando pistas para que mais pessoas possam sair do denso nevoeiro e acessar outra dimensão que não conseguem ver. São os *Saberes para o tempo de ser*. Com as mudanças ocorridas no tempo do *Vir-a-Ser* algumas crianças já desenvolvem habilidades que lhes permitem ver, ainda que superficialmente, além do denso nevoeiro. São os inventivos. Cria-se nesses uma vontade pelo que está além, por algo diferente do que este Sistema lhes oferece. Para estas, o despertar da inventividade é uma necessidade interna. Mas a orientação que recebem não lhes permite sair, quebrar as barreiras impostas, há séculos, pelos Idealistas. Porém, há meios encontrados pelos rebeldes de fazer essas crianças acharem o caminho para transformarem-se em Criadores de Novos Mundos. O teatro é um deles. Um ser encantado que está inserido no Sistema para, disfarçadamente, guiar meninos e meninas aos *Saberes para o tempo do ser*.

### ***A aventura do menino herói***

Na periferia de uma pequena metrópole, no tempo do *Vir-a-Ser*, vivia Uanderson, um menino arteiro, curioso, feliz com sua realidade, pois, até então só conhecia o que podia ver



em meio ao denso nevoeiro. Segue sendo orientado como todas as outras crianças de seu tempo, afastado da inventividade, adestrado pelo Sistema. Já com 10 anos de idade, Uanderson teimava em gostar de brincadeiras inventivas e vivia fazendo peraltices.

- Bora irmão, sobe logo aqui para ver o mundo! – Dizia Uanderson lá do alto da casa, já perto do telhado. O irmão que não entendia dessas peraltagens, subia e só via as outras casas da comunidade. – Ora, não vês que existem mundos diferentes ali adiante? Vamos até lá seguindo esta corda bamba. – Mas o irmão não via corda nenhuma – Pegue irmão, roubei o vento pra ti! – O irmão se cansa dos devaneios de Uanderson, desce e vai brincar de bola.

Das peraltices do menino, a preferida sempre foi a de descobrir novos caminhos. Em um desses desvios, viu algo diferente, uma escada. Perto dela um ser gritava palavras. Palavras. Estas atingiram de cheio ao menino e o modificaram. Uanderson quis subir a escada, mas teve medo. Ao chegar a casa correu e foi para o colo da mãe.

- O que foi meu filho?

- Mãe, eu vi uma coisa... um homem que dizia coisas que pareciam com minhas brincadeiras. Ele falava de outros mundos. E tinha uma escada...

- Tu viste o teatro. Não ligue para ele, suas palavras não são importantes. São seres que servem para nos distrair. São apenas palhaços.

Os dias se passaram e Uanderson não tirava da cabeça a imagem da escada e a vontade de subir só aumentava. Tanto que não resistiu e voltou ao mesmo caminho onde tinha visto o tal ser, mas ele não estava lá. Somente a escada. O menino, que era chegado a uma peraltice, não perdeu tempo e foi logo subindo. Ao subir alguns degraus perdeu a visão completamente, estava tomado pelo nevoeiro por todos os lados. Mas ele subiu mais e mais, até que transpôs o limite do nevoeiro e viu que ali em cima tudo era como na sua imaginação. Para um lado viu um mundo colorido. Para o outro um mundo todo cinza. Existiam ainda outros mundos que não se podia ver nitidamente, mas estavam lá. Mundos invisíveis. E o menino olhou para o alto e avistou humanos alados que transitavam de um mundo para outro. Ele gritou para chamá-los, mas era como se não pudesse ser ouvido, sua voz não ecoava ali. Era como num sonho.

Ao acessar a realidade para além do nevoeiro, o menino teve sua visão ampliada e a partir de então sentia uma constante necessidade de algo que não sabia o que era. Na tentativa de saciar essa inquietude, Uanderson procurou por vários caminhos o Teatro. Até que o encontrou. Mais uma vez, lá estava ele alardeando palavras inconstantes que faziam todo sentido.

- Ensinar como quem brinca... aprender brincando. O prazer é um ensinamento do corpo e da alma. No jogo de cena, o jogo da vida. Ensinaamentos são brinquedos. Na cena, encontrarás caixas de brinquedos à disposição para ver e criar novos mundos.

E aquele ser misterioso aproximou-se de Uanderson, tão próximo que o menino pôde sentir um calor que emanava de seu corpo. Seu olhar por trás da máscara que usava fixou-se no menino.

- Tu és um inventivo! – falou o teatro - Um menino-herói que busca a inventividade para saciar a necessidade de sonhar. A técnica e a razão levaram o mundo a um desencantamento. O mundo está endurecido, mas sobrevive-se nele. Talvez de modo inconsciente as pessoas usem seus sentidos para manter uma ínfima capacidade de sonhar. Isso porque no fundo, todos são inventivos, todos podem ver além, só estão temporariamente com os olhos nublados. Venha, suba ao palco.

O menino quis brincar. Subiu ao palco e falou:

- Eu quero ver. Ensina-me a ver novos mundos.

- Venha. Aqui não serás orientado, serás iniciado. Não serás conduzido, serás acompanhado. Sua jornada será cheia de obstáculos. O Sistema Orientador está atento para vigiar e punir aos que se rebelam.

- Sei que existem outros mundos para além do nevoeiro. Oriente-me para que se tornem visíveis para mim. Me desafie! – Clamou o menino. Tudo escureceu ao seu redor. Ouviu apenas a voz do teatro que vinha da escuridão.

- Que assim seja, menino-herói! Aqui começa sua jornada, sua iniciação em busca dos *Saberes para o tempo de ser*. Serei seu guia, mas caberá a ti ressignificar cada *Saber* e, assim, serás capaz de alterar a realidade. Criar é transformador! Fique atento aos sinais e símbolos em sua jornada, eles poderão lhe indicar caminhos. – Enquanto falava, o Teatro vestia o menino com uma armadura de papel e uma túnica. Deu-lhe um candeeiro e disse:

- Agora vá, deixe-se levar por sua imaginação.

### ***Noite longa***

E nosso menino-herói sai em sua jornada, sem saber ao certo o que buscava e o que encontraria em seu caminho. Mas sentia que o que estava adiante lhe completaria a existência. Logo que iniciou sua caminhada, caiu a noite. Não se tratava de uma noite como as outras. A escuridão se fez plena, tanto que Uanderson não conseguia mais ver nada a sua frente. Logo sentiu-se perdido. Duvidou de si, quis voltar, desistir da jornada. Então percebeu que poderia usar o candeeiro que ganhou para iluminar seu caminho. E assim o fez. O menino compreendeu que o Teatro havia lhe dado um instrumento que agora ele próprio pode

perceber sua necessidade e a ocasião para usar. Isso encheu de coragem o menino e o fez acreditar que sim, que poderia conseguir encontrar os *Saberes* que buscava. Então Uanderson seguiu em meio à escuridão. Foi uma longa noite.

Depois de muito caminhar, o menino sentou-se para descansar, seu corpo sofria o peso do cansaço e seus olhos queriam fechar. Foi então que sentiu um vento forte soprar e apagar seu candeeiro. Fez-se a escuridão total. Somente ouvia-se um tilintar de guizos. O menino-herói levantou-se, acendeu seu candeeiro e caminhou em direção daquele som, que cada vez ficava mais forte. Logo, o menino avistou o objeto que produzia aquele som. Tratava-se de um sino dos ventos. Ao aproximar-se mais, percebeu que o objeto estava preso na ponta de um cajado, carregado por um ser de roupas esvoaçantes.

- Porque estas aqui? – perguntou a criatura ao menino.

- Procuo os *Saberes para o tempo de ser*.

- Sou um mensageiro dos ventos. Te trago mensagem sobre o que procuras. Mas, antes precisas saber por que queres saber? Deves avaliar o que cada *saber* pode influenciar na sua vida.

- Quero ser um sonhador. Busco pelos *Saberes* que me permitam sonhar.

- Deves tomar cuidado com os erros e a ilusão menino. Fuja das cegueiras do conhecimento. Não se deixe enganar pela sua mente, que tentará o tempo todo lhe convencer de que sabes. Mas saber sem saber por que saber, não é saber.

- Eu sei! – diz o menino e vê o Mensageiro dos ventos se afastar rapidamente. – Espere... eu não sei! Mas preciso saber para eu ver além. – O Mensageiro volta e diz:

- Pegue este sino dos ventos. Ele é um dos *Saberes* que procuras. Lhe servirá de alerta sempre que a ilusão tomar sua mente. É tua arma que o guiará rumo à lucidez. Agora vá, deixe-se levar por sua imaginação.

O Mensageiro se foi. O menino sorriu. Fitou o horizonte enquanto nascia o sol.

### ***A ponte e o cão filosofal***

A jornada estava em curso. O denso nevoeiro parecia acompanhar o menino, que sentiu-se só. Lembrou de seu pai que morava no fim de um lugar. Longe. Diante do silêncio pensou: - Grilos me serviriam bem agora, para quebrar o silêncio. E o silêncio foi quebrado. Latidos vindos detrás dos arvoredos. O menino peralta correu e subiu na árvore mais alta. De lá de cima, avistou o cão que ladrava. O cão também o avistou e ladrou mais alto. Parecia chamar-lhe. Uanderson foi ao encontro do cão, mas estavam separados por um rio de correnteza.

- Ê menino, vem aqui! – Uanderson ouviu enquanto pensava como iria atravessar o rio.

- Quem está aí? Quem me chamou? – Perguntou espantado o menino.

- Eu ora! Venha logo. – disse o cachorro do outro lado do rio.

- És tu? Que legal! Mas... não tenho como atravessar.

- Ora, ora garoto bobo, venha de uma vez. Passe pela ponte.

- Ponte?! Não tem nenhuma ponte.

- Imagine. Crie.

- Não sou um ser encantado como tu és. Sou apenas humano.

- E o que é ser humano? O Sistema Orientador Idealista desumanizou a todos. O ser humano não é uma parte, mas um todo. Um ser físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico e espiritual. Um ser total. Essa é a verdadeira condição humana. Se pensares assim, uma ponte surgirá entre ti e o *Saber*.

- Sim, eu entendo. Somos mais do que sabemos. Podemos criar mundos. Podemos criar pontes. Um ser total... uma ponte surgirá... Um ser total... uma ponte surgirá...

De olhos fechados o menino dá um passo sobre o rio e sente pisar sobre uma base sólida. Abre os olhos e lá estava a ponte. Do outro lado, o cão ladra saltitante. Uanderson corre ao encontro de novo amigo.

- Viu seu bobão, deixe-se levar por sua imaginação. A razão não deve anular seu poder criador.

- Obrigado cãozinho, por me mostrar mais um *Saber*. Como te chamas?

- Como queres que me chame?

E a conversa se alongou. Uanderson ganhou um companheiro de jornada. Horas de caminhada, horas de conversa. Com muitas peraltices!

- Estou com fome. – Disse o cão. O menino procurou comida e nada tinha a oferecer. – Vamos caçar coelhos em suas tocas – continuou o cão.

- Eu não sei caçar. Ninguém me ensinou... – afirmou Uanderson com cara de triste.

- Ora, não deves saber, deves *dessaber*. Brincaremos de saber caçar borboletas e pegaremos coelhos. Usaremos o conhecimento comum que temos. Vamos *caçarolar*!

E os dois puseram-se a brincar. Sem perceber, o menino passou a usar todos os sentidos para caçar borboletas. Seu cérebro teve o poder inventivo ampliado e, além da cognição, foram ativados como conhecimento o afeto e as emoções. Estar junto fez diferença para o menino. Independente de sua jornada, estar junto do outro o encheu de coragem. E

caçaram *borboelhos*. Ao final do dia, sentaram-se ao pé de um jambeiro para descansar e preparar o jantar. Os amigos adormeceram, juntos.

### *A vida é sonho*

Enquanto os amigos dormem o sono dos justos, são vigiados, à distância, pelo Teatro.

- Durma menino herói – disse o Teatro – tens feito uma boa jornada até aqui. Estás cada vez mais perto de se tornar um Criador de Novos Mundos. Ao descobrir as *desutilidades* dos saberes, encontraste mais um saber: o saber da vida, o conhecimento comum, a inteligência coletiva. Algo que jamais seria encontrado nas orientações do Sistema, somente vivendo encontrarias. Começas a perceber a importância de estar junto, dos seus afetos e de se deixar afetar por eles. Suas paixões são saberes. Lembre-se, saber não revela novos mundos, compreender a condição humana, sim. Seja mais um comum, comunitário. Conquiste junto, sofra junto.

As palavras do Teatro são sentidas pelo menino, que, em sono profundo, sonha. Ele que sempre teve vislumbres de sonhos, agora estava imerso no mundo das surrealidades. Estava ele andando sobre o vazio. Ao longe enxergou uma pequena luneta e andou em sua direção. A cada passo, o menino viu a luneta crescer até se tornar gigante, a ponto de ficar três vezes maior que ele próprio. Inevitavelmente o olho de Uanderson foi atraído pelo olho da luneta. Através daquelas lentes viu um mundo diferente que seus olhos não viam naturalmente. Ficou curioso e entrou naquele instrumento gigante a fim de chegar ao outro mundo. A sair do outro lado, o menino foi surpreendido por uma grande tormenta. Uma tempestade com muitos raios e furacões por todos os lados. O vento derrubava árvores, a chuva intensa alagava tudo ao seu redor. O menino nadou, mas não saía do lugar. Estava sendo vencido pelas correntezas. Então se deixou levar. Seu corpo inerte flutuou sobre as águas. De repente parou. Topou em terra firme. Até ali via a chuva forte destruir tudo que podia. Dali em diante, via como se outro mundo se fizesse presente. Nada de chuva. E o menino atravessou o limite dos mundos. O que encontrou foi um terreno completamente seco. Sem água, sem árvores e sem animais. Não havia vida ali. Tudo tinha se esgotado. Diante da escassez de tudo, o menino quis voltar. Mas não pode. Sentiu sede, mas não havia água. A natureza se impunha contra ele. A terra seca abaixo dos seus pés cedeu e Uanderson caiu em um grande buraco que parecia não ter fim. De tanto cair, percebeu que na verdade estava a flutuar em um mundo de escuridão. Suavemente pousou sobre um rastro de luz que iluminava uma estrada infinita ao horizonte. Nela pôs-se a andar. Viu que existiam outros caminhos de luz, paralelos ao seu. Em um deles, se aproximava alguém que caminhava apressado. Antes mesmo que o menino pudesse dizer algo, a pessoa passou rapidamente sem mesmo uma troca

de olhares. Em seguida, outras pessoas se aproximavam vindo na outra via. Desta vez um grupo de homens *empaletosados* que vestiam ao mesmo tempo um único e grande chapéu coco. Também não interagiram com o menino, estavam ocupados contando dinheiro. Em outro caminho paralelo, transitavam seres incomuns. Corpo de humanos e cabeças de celular, de notebook, de televisão e até mesmo de jornal impresso. Eram homens-mídia. No mesmo caminho em que estava, Uanderson viu se aproximar uma mulher que carregava uma criança no colo. Ela corria e pedia socorro. Da via dos homens *empaletosados* ninguém sequer notou a mulher, tamanha a insensibilidade daquelas pessoas. Do lado dos homens mídia, muitos pararam, mas não ajudaram. Detiveram-se a fotografar, gravar e divulgar o fato. O menino viu tudo ir desaparecendo em sua frente, restando apenas uma corda bamba sob seus pés. Após o susto, Uanderson respirou profundamente e deu alguns passos. Encontrou um ponto de equilíbrio. Fitou o horizonte infinito e deitou-se sobre a corda bamba. Um céu estrelado o rodeou e ali, entre as estrelas, ele dormiu.

De imediato, o menino abriu os olhos. Estava acordado. Ou não. Viu ao seu lado o Teatro que lhe vigiava o sono. Em suas mãos segurava um filtro dos sonhos.

- Sonhastes? – perguntou-lhe o teatro.

- Sim. Um sonho muito estranho.

- Viste a identidade terrena. Um *Saber* que lhe ajuda a entender sobre um mundo solidário, onde as pessoas precisam umas das outras. Viste as crises que devastam a humanidade, que forçam esta a partilhar um destino comum.

- Sim. Senti uma grande angustia em ver tudo isso.

- É preciso que estejas ciente do mal estar do tempo do *vir-a-ser*. O mundo não está certo, filho. Deves olhar o planeta para enxergar mundos. Há muito para mudar, para transformar. Estou falando do destino da humanidade. Estou falando de lutas intermináveis... Que você deve travar.

- Lutarei! – diz o menino, levantando-se e se colocando em posição de batalha.

- Sim, és um pequeno guerreiro. Porém, na luta que travas não usarás espadas, usarás o poder da inventividade para alterar esse mundo. A insensibilidade desses tempos é fruto de determinações do Sistema Orientador Idealista. Mas a criatividade e o coletivo vêm ganhando espaço em território do trabalho e da produção. É uma questão de qualidade de existência terrena.

- Eu te achei Teatro, tu me achaste. No aconchego do palco, encontro conforto. Minha casa é aqui. No coração. Esse é meu destino, ser um Criador de Novos Mundos.

- Até aqui sua jornada foi tranquila. Fique atento. Continue usando seus sentidos e seus afetos. Mestres invisíveis estarão em seu caminho, acompanhando-o. Contudo, enfrentarás desafios perigosos. Pegue este filtro dos sonhos, ele representa um saber que está nos seus mundos. Sonhos movem o mundo. Receba também esta máscara, para lhe fazer ver e não ser visto pelo Sistema. Agora siga viagem. Use o poder da sua imaginação.

- Vamos Freire, acorde. – disse o menino ao cachorro que dormia - Tenho que continuar minha jornada.

- Mas ainda é noite menino. Tens certeza que queres partir agora?

- Sinto que devo ir agora. Venha de uma vez seu preguiçoso!

Então, iluminando os caminhos com o candeeiro, os dois seguiram viagem. O cachorro aproveitou para contar ao menino a história de sua vida. Falou da pobreza feliz que vivenciou enquanto filhote, de como se sentia livre ao correr nos quintais e ruas na pequena cidade onde nascera, no Norte. De como foi perseguido quando começou a falar sobre ideias diferentes, de paradoxos na sociedade, do poder da imaginação. Suas ideias o fizeram ficar sob isolamento, que só o fez tornar-se mais determinado a combater o Sistema. Por mais de 40 anos, vem acompanhando meninos e meninas em suas jornadas.

Os viajantes chegam à beira de um grande rio. As estrelas refletiam em suas águas fazendo dele um céu molhado. Uanderson ficou um tempo apenas olhando para o rio, em silêncio. Depois de alguns minutos, o silêncio foi quebrado.

- Vamos navegar nesse rio! – Disse Uanderson.

- Vamos? Porque queres navegar nesse rio? – Indagou Freire.

- Não sei. Só sinto que nele há um saber que preciso.

- E como vamos?

- Naquele pequeno barco ali. Vamos Freire.

Da escuridão, uma voz se pronuncia:

- Não faça isso menino.

- Quem está aí? Apareça! – E um ser esguio surge à frende do menino herói, que cochicha com o cachorro – Ele deve ser um mestre invisível que o Teatro falou.

- Invisível?! – Resmungou o cão.

- Por que não devo navegar neste rio?

- Ora, por vários motivos óbvios. És apenas um menino, não tens discernimento para decidir seus caminhos, por isto estou aqui para orientá-lo. Navegar é uma ciência, não tens conhecimento para entrar neste rio.

- Meu avô tinha um barco e me levava pra pescar. Gosto de rios. Acredito que posso...

- Olhe para mim menino! – E o menino empinou a cabeça para olhar para o alto dos três metros de altura daquele ser – O que te digo não debes questionar. Navegar rumo ao desconhecido não é lógico. Porque irias em direção ao desconhecido?

- No desconhecido, nascem novos saberes. – afirmou contundente o cão - Para nascer um saber científico, antes vem a invenção, a inventividade. Não me pareces um mestre da rebelião.

- És mesmo um mestre invisível?

- Sou um gran mestre. É o que te importa. Continuar essa jornada não te levará a nada. Desista e continue sua vida segundo orienta o Sistema. Ver além não é preciso. Seu mundo é este e somente este.

Uanderson entendeu que estava diante de um representante do Sistema. Olhou ao redor e correu em direção de uma pequena canoa que estava ancorada. Logo, dois supervisores, vigias a serviço do Sistema, surgem para impedi-lo de fugir. Freire ladra intensamente e enfrenta seus opressores. Os amigos estão encurralados. Sem saída, Uanderson lembra do presente que ganhou do Teatro. A máscara, para se fazer ver e não ser visto pelo sistema. Imediatamente a coloca e torna-se invisível para seus caçadores. Pode fugir agora, mas Freire ainda está encurralado.

- Vá menino! – Disse o cão que atraía a atenção dos supervisores para longe – Vá, tens pernas para caminhar sozinho e logo terás asas. Estarei te esperando em outros mundos. Vá e seja um Criador de Novos Mundos.

As palavras de Freire soaram como verdadeiras para Uanderson. Ele acreditou que encontraria, sim, seu amigo em outro momento e partiu para o rio na pequena canoa. A seus perseguidores, coube apenas ver, ao longe, um candeeiro se acender e sumir na escuridão.

### ***Mestre invisível***

Horas se passaram e o menino herói nada encontrara. Parecia que aquele rio-céu não tinha fim. Sozinho, ouvia apenas o som das águas do rio ao encontro da canoa. Pensou se aquele gran mestre não estava certo. O que ele procura ali naquele rio? Porque veio rumo ao desconhecido? Tudo é incerto.

- Enfrentar as incertezas é preciso em sua jornada. – disse uma voz bem próxima da canoa, causando grande espanto no menino, que gritou:

- Quem é? É um gran mestre que veio me convencer a voltar? Talvez... eu volte.

- Vim para que não voltes. O desconhecido e as incertezas são importantes para que venhas criar novos mundos. O Sistema idealista trouxe muitas certezas, verdades absolutas,



mas não viu que as incertezas sempre vêm à tona, e vieram. A própria ciência se revela incerta. Uma boa orientação de meninos e meninas não deve ocultar as incertezas da vida.

- Por que? Por que desconhecer trará novos mundos?

- Tu já te responde menino. O inesperado abre caminhos. Das maiores incertezas, nascem outras maiores. Temos que nos arriscar. Sempre prontos para o abismo. Transformar é mudar. Menino, lidar com o mundo não é tarefa fácil. Só a experiência de navegar neste rio e atravessá-lo te mostrará novos saberes sobre ele. Navegue.

- Onde estás? Quem és? – O menino não mais obteve resposta. Eis o mestre invisível que procurava.

### *A Madra*

Amanheceu e finalmente o menino pôde ver o serpenteio do rio em que navegava. Viu suas margens. Fitou uma grande árvore que se destacava das outras por suas flores amarelas. Entendeu como um sinal e remou em sua direção. Ao se aproximar da margem, percebeu que algo se movimentava por trás dos troncos das árvores. Apesar de não conseguir definir do que se tratava, o movimento dos arbustos indicava não ser algo grande. O menino atracou a canoa às raízes que se estendiam até dentro do rio. Foi à terra firme. Sentiu-se bem ali. Olhou no entorno procurando o que tinha visto de longe, mas não viu mais nada. Seguiu até a grande árvore amarela. E lá estava ela, linda e majestosa. Suas flores caíam a todo tempo, formando um tapete, como se estivesse esperando uma visita. Uanderson sentiu-se convidado e foi logo peraltar. Rolou pelo tapete de flores brincando de cata-vento com elas. Colou seu rosto ao tronco da árvore para ouvir seu coração. E, claro, tentou subir na árvore, mas não teve sucesso, pois, foi interrompido subitamente.

- *Ascorinijo Meref!* – Grunhiu uma voz que vinha da árvore, mais especificamente de seu galho. Uanderson ficou intrigado e não conseguiu definir de imediato quem estava a falar. Em um segundo olhar percebeu que o galho em que se pendurava não era bem um galho. Travava-se de um ser similar a árvore que se fazia passar por galho. Ele tinha pernas, braços, boca e olhos como os humanos. Mas não era humano. Tinha cabelos de flores, pele rugosa como a casca de uma árvore, dedos compridos como gravetos e uma voz engraçada, estridente. Falava uma língua que o menino não conhecia.

- *Cotrov etus maniquiero?* – falava o pequeno ser para o menino, como se quisesse se comunicar.

- Não te compreendo. Estou aqui à procura de um saber. Me entendes?

- *Meref atus caracotula. Ia Madra nostu vianderá, poru meco latera din Oru Oru!* – Enquanto falava, o ser apontava para árvore.

- O que queres me dizer? Parece importante. – Indo em direção de onde apontava o pequeno ser, Uanderson percebeu grandes feridas no tronco da árvore.

- *Latera din Oru Oru!* – dizia repetidamente aquele ser, deixando transparecer cada vez mais sua angustia e medo.

- Calma, calma, vou te ajudar – Uanderson lembrou-se dos *empaletosados* e dos homens mídia, não quis ser como eles – Vamos cuidar dessas feridas na sua árvore. Quer dizer... na sua mãe. É isso, tu nasceste dessa árvore. *Madra*. Entendi, *Madra* é sua mãe, e tu, tu és um arvoredo – falou sorrindo e o pequeno ser suavizou sua expressão e esboçou um quase sorriso. Uanderson usou os ensinamentos de seu avô e coletou seivas gordurosas de outras plantas para passar nos ferimentos de *Madra*. E pôs-se a orientar o pequeno arvoredo.

- Assim não entrarão bactérias e não criarão fungos. Meu avô me ensinou que... – O menino parou sua frase repentinamente, pois se deu conta que estava diante de mais um *Saber*, que ele estava aprendendo sozinho, criando seus próprios saberes por meio da experiência que vivia. Naquele momento, ele aprendeu sobre a importância da compreensão. Que não precisava ser igual àquele ser ou falar a mesma língua para compreendê-lo. A compreensão humana é mais que comunicação, é ser irmão. Por meio da compreensão, a humanidade poderia viver em paz. Uanderson continuou a orientar o arvoredo, não como um pai, mas como um irmão.

Os dias se passaram e as feridas de *Madra* tornaram-se cicatrizes. O sentido de comunidade se fez presente e Uanderson sentiu-se parte daquele ecossistema. Sentiu-se protegido, acolhido. Mas não podia se acomodar, precisava encontrar o último Saber de sua jornada. Estava atento a tudo que acontecia ao seu redor, tudo que pudesse indicar um caminho a esse Saber. O sinal chegou por meio do pavor no rosto do arvoredo.

- *Oru oru! Oru oru!* – gritava o pequeno ser, ao ouvir som estrondoso que vinha da floresta. Uanderson também ficou assustado e os dois esconderam-se em meio a vegetação. O estrondo se aproximava cada vez mais, até que o menino pôde visualizar a sua causa. Eram os passos de *Oru oru*. Ele se revelou vindo em direção de *Madra*. Lá estava ele, um ser gigantesco com extrema força. Um ser milenar que guardava antigos ranços do idealismo. Em sua cabeça possuía 4 olhos, porém, caminhava com se não enxergasse. Uanderson observou que os olhos da criatura estavam doentes, por isso não enxergava nada a sua frente. Inertes diante da ferocidade de *Oru oru*, o menino e o arvoredo nada puderam fazer para impedir que dois galhos de *Madra* fossem arrancados. Tratava-se de um controle para que não fossem gerados novos arvoredos. Após cumprir sua missão, a gigante criatura voltou-se para a floresta e sumiu entre as árvores.

### *Saber os saberes*

Uanderson, enfrentando seu medo, seguiu *Oru oru*. Mais uma vez foi rumo ao desconhecido. Descobriu que aquela criatura guardava o único caminho de acesso ao alto de uma montanha. Lá, poderia estar o Saber que buscava. Mas não havia um mestre ali, não tinha Freire para lhe ajudar e o arvoredo ficou a cuidar de sua *Madra*. Decidiu enfrentar a criatura. Vestiu a máscara do Teatro e tornou-se invisível. Caminhou sorrateiramente em direção a *Oru oru*, que estava sempre atento. O menino herói esqueceu que o monstro não usava a visão em seus ataques e foi logo descoberto. Como um ser milenar, *Oru oru* trazia sobre seu corpo a poeira do tempo. Com um sopro feroz, jogou sobre Uanderson esse pó que teve o efeito de causá-lo cegueira. O desespero tomou conta do menino. Pensou que toda sua jornada estava perdida. Que a busca para ver além estava acabada. Cerrou os olhos e pôs-se a gritar. Foi quando ouviu uma voz sussurrando ao seu ouvido:

- Aprender a ver. Esta é a principal orientação que podes receber. Queres ver novos mundos? Amplie sua visão.

Do alto, ouviu outra voz:

- Não se pode ver as partes, sem ver o todo. Os saberes fragmentados o impedem de ver a totalidade. Veja o todo, o contexto e sua complexidade. Seus saberes juntos lhe farão ver outras realidades. Voe menino!

Uanderson sente as palavras agirem em sua mente e seu corpo. Percebeu que a cegueira gera ilusão, que através da imaginação podia interferir naquela realidade, diminuir o mal-estar do tempo *vir-a-ser* e suas injustiças causadas pela incompreensão humana. Poderia usar as incertezas para recriar mundos. O menino herói abriu os olhos e viu que o mundo estava diferente. Sentiu nascer asas em suas costas e voou, escapando de *Oru oru*. Viu que não precisava mais acessar o único caminho para a montanha, agora podia visitar todas as montanhas.

### *Ver além*

O menino voou, quis imediatamente ultrapassar a barreira do nevoeiro. Foi fazer peraltagens no céu. Brincou de cavalgar sobre o vento. De soprar notas musicais pelo ar. E nadou em águas invisíveis. Depois de experimentar as delícias da liberdade inventiva, o menino parou para observar o que acontecia ali no alto. Viu o que já tinha visto em seu pseudo sonho. Mundos cinzas, mundos coloridos. Mas não havia mais mundos invisíveis, podia vê-los todos e sabia que podia ir a cada um deles com suas asas. Os humanos alados também estavam lá e olhavam e acenavam para ele, saldando-o. Ele realmente estava vivendo aquele universo tão diferente. Estava pronto para escolher em que mundo viveria e como

viver nesse mundo. Ao longe avistou um homem alado que batia suas asas sem sair do lugar, estava a observar Uanderson. O menino voou até o homem alado, e perguntou:

- O senhor é um mestre da rebelião? Foi o senhor que me falou ainda pouco?

- Sim fui eu. Que bom que entendeste que mundos e pessoas são complexas, que o pensamento integral te amplia a visão, fazendo-te contar com o universal. Seja bem vindo menino herói!

- Mas ouvi outra voz ao meu lado. Que me falava sobre aprender a ver?

- Um grande mestre invisível, que há um século vem nos ensinando a ver. Agora olhe, podes ver. Podes ver além. Voe, o mais alto que puder e veja além. Fizeste uma longa jornada para conquistares o poder da inventividade. E não há caminho de volta, assim é a vida. Agora és mais um Criador de Novos Mundos.

E Uanderson voou o mais alto que pôde e, de lá de sobre as nuvens, viu além, viu o futuro, viu o tempo de *ser*. Sentiu-se forte e poderoso. Viveu muitas aventuras e peraltagens que lhe fizeram um exímio Criador. E, desde então, não parou de inventar novos mundos para si.

Após alguns anos, o menino herói, já adulto, voltou a sua comunidade onde vivera dominado pelo Sistema e pelo denso nevoeiro. Ao pousar, viu que algumas coisas haviam mudado, porém, grande parte das coisas continuava ali. O Sistema idealista continuava imperando e cerceando os sonhos das pessoas. Meninos e meninas viviam a visão limitada, sem imaginar o que havia para além do nevoeiro. Uanderson sentiu uma profunda tristeza. Não usou suas asas e pôs-se a andar. Logo, ouviu uma voz alta que lardeava palavras conhecidas:

- Ensinar como quem brinca... aprender brincando.

Era o seu velho amigo Teatro. Estava ele no palco encantando meninos e meninas. Uanderson se viu refletido ali. No palco, também estava outro velho amigo. Freire, o cão. Estava interpretando um boneco de pano que fazia as crianças sorrirem. Uanderson também sorriu. Sentiu-se feliz.

- Salve, grandes amigos! Sou eu, Undersoon. Estou de volta.

- Ah, o menino herói está de volta! – disse Freire saltando para os braços de Uanderson, e continuou: – Eu disse que nos encontraríamos um dia.

- Sim velho companheiro de jornada. Eu também sempre acreditei nisso. – Olhando para o Teatro, disse: - E também acreditei em ti Teatro, que me mostraste que existiam outras possibilidades de mundos e me guiaste até os *Saberes* que necessitei para me tornar o que sou hoje, um Criador de Novos Mundos.

- És um homem-menino. Um homem-menino que viu o tempo de *ser*. E por isso está aqui.

- Sim, por isso estou aqui. Vim para ajudar a rebelião, vim para pegar na mão de meninos e meninas e guiá-los, como me guiaste um dia. Todas as crianças merecem uma orientação que desperte seu poder inventivo, merecem transformar seus mundos. Voltei pro lugar de onde eu sai, para revelar a outros meninos-heróis os *Saberes para o tempo do ser*. Daqui, ainda sairão muitos Criadores de Novos Mundos.

A história que narrei é minha própria história. Uma jornada em busca de *Saberes*. Tive bons mestres me guiando, a quem dedico toda honra. Os sonhos de muitos foram extraviados. Para onde foram esses sonhos? Estão dentro de cada um, guardadinhos junto com a inventividade. Precisam ser despertados, provocados. Hoje sou um menino-homem-herói. Não larguei mais a mão do Teatro. Meninos-heróis viram meninos-poetas. Me reinvento em meus dias e fora disso, tudo é falso. Faço o contrário para me achar certo. Fico inerte. Não consigo. Invento histórias verdadeiras, pois sou Criador de Novos Mundos, um erro perfeito. Não preciso do fim...

### **Conclusões para uma revolução educativa**

Uma lente magistral se criou a minha frente. Grandiosa é a visão que tenho de onde estou. Estou nos braços da academia. Não a velha, a nova academia. Pesquisar como quem labuta um objeto artístico, essa lente gigantesca que amplia horizontes. Cartografar é descobrir caminhos distintos que vêm do interior do objeto estudado. Ter caminhos diversos para escolher é liberdade e, com ela, posso construir novos mundos.

O que dizer sobre o trabalho de um grupo de teatro que está na periferia de Belém, na Amazônia, periferia do Brasil? O que pode haver de novo ali? Essas respostas, pude sentir na pele, fazer uma troca de saberes com o objeto, viver a pesquisa de fato. Vi meninos e meninas chorarem, rirem muito, se empolgarem com pequenas conquistas. Vi meninos-heróis em Terra Firme. Vi homens e mulheres que são educadores não-formais provocarem transformações gigantescas em pequenos territórios, em lares, em ruas, em um bairro. Nas engendragens desta educação não-formal está presente o que Rubem Alves tanto disseminou, pois os alunos-atores vão em busca do que querem aprender e lá tem suas coceiras, digo, curiosidades aguçadas.

Meu relato sobre as pedagogias do Projeto Teatro Ribalta está impregnado de espanto e de esperança, visão de um professor da educação básica que vislumbra uma educação mais

preocupada com o como estar no mundo e fazer dele um habitat melhor. Vejo o teatro como um guia para esta educação do futuro, assim como Eli Chaves que afirma que “o teatro é um elemento de transformação” (CHAVES, 2005), provavelmente parafraseando o mestre Augusto Boal. Essa mágica acontece de verdade no Ribalta e na Terra Firme.

Ensinaamentos importantes para a humanidade desses tempos do *vir-a-ser* são encontrados nos processos vivenciados no Projeto Teatro Ribalta. Meninos e meninas descobrem um educar pelo afeto, pelo acolhimento. – Somos uma família – dizem todos em coro. Dona Carmen, membro da coordenação e a mãezona de todos, explica: “Eles se sentem bem aqui, pois tratamos com amor” (MATOS, 2015). Há um sentimento de pertencimento em relação ao grupo, ao projeto e a casa que habita o Ribalta. A aluna/atriz do Projeto Ariane, atriz de 16 anos, fala sobre isso: “Aqui é como uma família. Tem brigas porque em toda família tem brigas. Eu gosto mais de estar aqui do que na escola. Quando não concordamos, podemos falar, é dado esse direito aos alunos” (COHEN, 2015).

Ariane termina sua fala enfatizando outro princípio presente nas atividades do Ribalta, o protagonismo das crianças e adolescentes. São agentes produtores, pois, a organização metodológica do grupo permite que os alunos participem como produtores e não apenas receptores de conteúdo. É considerado o conhecimento próprio/cotidiano dos alunos-atores, na construção dos espetáculos, por exemplo, momento em que os alunos, com base seus conhecimentos, debatem e fazem propostas. O professor-diretor é neste caso um mediador entre o saber elaborado e o conhecimento a ser produzido (BEHRENS, 2005).

A formação ética desses meninos e meninas também é trabalhada de forma diferente. Nos jogos e exercícios teatrais, são tratadas questões do universo infantil e adolescente, sobre suas percepções de certo e errado e, assim, vai havendo uma troca de princípios éticos, sem que haja um determinismo moral inquisidor. O campo da sensibilidade, do preocupar-se com o outro e com o mundo vai se construindo no coletivo, é onde entra a ideia de grupo-comunidade. Um ajudando o outro e todos ajudando a criar um mundo melhor. Eis o otimismo na pós-modernidade.

Quando erramos na escola, somos punidos, certo? No teatro, os erros fazem parte do processo e no Ribalta os alunos-atores podem aprender a lidar com seus erros na vida, sem que precisem ser punidos ou que desistam no meio do caminho. Não há avaliação, há processo. A aprendizagem acontece porque os meninos e meninas querem aprender, então o erro é uma das etapas que vão passar, para chegar onde querem, na cena, no palco, na vida.

O que Morin aponta como identidade terrena (2000), no Ribalta aparece como ensinamentos para a cidadania, em que os alunos-atores são apresentados a questões globais e

locais que precisam estar na pauta de suas preocupações. Temas como globalização, meio ambiente, desigualdade social, racismo, direitos de crianças e adolescentes, dentre outros, fazem parte do repertório de assuntos trabalhados nos exercícios e espetáculos do Projeto.

Esses ensinamentos precisam demarcar terreno na revolução educativa que está se construindo, são princípios que só sonhadores podem ver, os que acreditam na mudança e os que lutam por ela. Sonho que um dia a escola formal não seja tão formal, que aprenda com experiências como a do Projeto Teatro Ribalta e passem a valorizar a imaginação, que façam de seus alunos Criadores de Novos Mundos. Sim, sou um sonhador. Gosto de pensar que na minha prática educativa, nas pequenas transformações que contribuo, estou criando um mundo novo. Que mais sonhadores venham para nossa revolução.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

\_\_\_\_\_. **Conversas sobre Educação**. Campinas, SP: Verus Editora, 2003.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CAMELO, Marcelo. **De onde vem a calma**. Intérprete: Los Hermanos. Ventura. BMG. 2003. 1 CD

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo, Editora Cultrix/Pensamento, 1995.

CARRERA, André Luiz Antunes Netto. **Teatro de Grupo: conceitos e busca de identidade**. Memória ABRACE VII, p. 22, 2003. Disponível em: <<http://portalabrace.org/Memoria%20ABRACE%20VII%20.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

CHAVES, Eli. **Projeto Teatro Ribalta**. Belém, sede do Projeto Teatro Ribalta, agosto de 2015. Entrevista a José Arnaud.

COHEN, Ariane. **Projeto Teatro Ribalta**. Belém, sede do Projeto Teatro Ribalta, agosto de 2015. Entrevista a José Arnaud.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FARIA, Ana Lúcia G. de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Editora Autores Associados, 2002.

FREIRE, Paulo. **A Educação como Prática da liberdade**. 23ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. Disponível em:

<[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/livro\\_freire\\_educacao\\_pratica\\_liberdade.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/livro_freire_educacao_pratica_liberdade.pdf)>. Acesso em: 28/10/2014.

\_\_\_\_\_. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**, 3ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**, 5ª edição, Rio: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 9ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, participação da sociedade civil estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio - avaliação de políticas públicas educacionais, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. Edições Loyola, 1994.

MAFFESOLI, Michel. **Pós-modernidade**. Revista Comunicação e Sociedade, Vol. 18. 2010. Disponível em: <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/982/939>. Acesso em: março de 2016.

\_\_\_\_\_. **A universidade precisa aceitar que educar não é conduzir e sim acompanhar**. Revista A3. 2013. Entrevista a Valéria Borges Costemalle.

\_\_\_\_\_. **O sistema educacional não funciona mais**. Zero Hora, São Paulo, Abr. 2014. Entrevista concedida a FêCris Vasconcellos. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/04/o-sistema-educacional-nao-funciona-mais-diz-michel-maffesoli-4473443.html>>. Acesso em: 17 jun. 2015

MAFFESOLI, Michel. ICLE, Gilberto. **Pesquisa como Conhecimento Compartilhado: uma entrevista com Michel Maffesoli**. Revista Educação & Realidade, vol. 36, núm. 2. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

MATOS, Carmen Silva. **Projeto Teatro Ribalta**. Belém, sede do Projeto Teatro Ribalta, agosto de 2015. Entrevista a José Arnaud.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000. Disponível em: <<http://www.juliotorres.ws/textos/textosdiversos/SeteSaberes-EdgarMorin.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.



\_\_\_\_\_. **Escritos sobre Educação.** Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. **Para saber a diferença entre a educação não-formal e a educação informal.** Jornal da UNICAMP, São Paulo, UNICAMP, 2007.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

PINTO, Luis Castanheira. **Sobre educação não-formal.** Cadernos D'Inducar, 2005. Disponível em: <<http://www.inducar.pt/webpage/contents/pt/cad/sobreEducacaoNF.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

PROJETO TEATRO RIBALTA. **Projeto Paixão de Cristo 2015: Alfa e Ômega.** Belém: 2015.

READ, Herbert. **A educação pela arte.** Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins fontes, 2001

SANTOS, Boaventura de souza (org.). Os processos de globalização. In: **Globalização: Fatalidade ou Utopia?** Porto: Edições Afrontamento. 2001.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna.** 3. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004

TROCHE, Gervasio. **Desenhos invisíveis.** São Paulo: Lote 42, 2014.